



Annástria

E o Arquivo das Memórias

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

F223a
v.3

D'Aquitaine, Selène
Annástría e o arquivo das memórias / Selène D'Aquitaine. - 1. ed. - São Paulo :
Ícone, 2014.
376 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-274-1269-8

1. Ficção brasileira. I. Título.

14-14294

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

22/07/2014 25/07/2014

Selène D'Aquitaine



Annástria

E o Arquivo das Memórias

1ª edição

Volume III

Brasil – 2014

Icone
editora

© Copyright 2014
Ícone Editora Ltda.

Capa
Selène D'Aquitaine

Diagramação
Suely Danelon

Ilustrações
Selène D'Aquitaine

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados à:
ÍCONE EDITORA LTDA.
Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda
CEP: 01135-000 – São Paulo/SP
Fone/Fax.: (11) 3392-7771
www.iconeeditora.com.br
iconevendas@iconeeditora.com.br



Prólogo...

A tempestade chegara sem avisar naquele dia. O sol infernal aquecera em demasia o asfalto malfeito de uma cidade grande. As pessoas tropeçavam nas rachaduras do chão à procura de uma loja aberta para se abrigarem da fúria das águas que caíam do cinzento céu.

As notícias eram as mesmas em diversos pontos da dimensão dos humanos. Satine assistia às tragédias. A vida estava de cabeça para baixo. As belas luzes das modernas cidades foram apagadas para economizar energia. Aquela dimensão que outrora, apesar dos momentos marcados por uma trajetória triste, vivera tempos dourados, agora se encontrava mergulhada em melancolia.

Satine mal podia conter sua satisfação. Ela estava vencendo diversas batalhas sem fazer muito esforço... mas se arriscando a quebrar os padrões. Gostava da sensação. Atrever-se a explorar outras dimensões, ousar alterar o que bem quisesse e como quisesse era algo considerado perigoso.

Para sua satisfação, a mesma tragédia contaminara outras dimensões menores e intermediárias. Annástria estava caindo. Satine não podia sentir glória maior. Seu querido filho fizera um trabalho satisfatório manipulando a inocente amiga do príncipe de Annástria. Querida irmã, você está arruinada..., pensou Satine.

Saiu do seu quarto e caminhou calmamente até o quarto do seu filho. Abriu a porta com cuidado e entrou sem fazer o menor ruído. O silêncio deu ao quarto do jovem uma atmosfera quase aconchegante e terna. A Dama das Trevas detestou, estremeceu ao sentir aquele perturbador aconchego. Por ligeiros segundos ela temeu que aquilo fosse um sinal de que existia uma falha em seus planos. Foi tomada por uma dúvida que sacudiu seu corpo. A sensação passou rápido.

Acomodado confortavelmente em sua cama, William respirava tranquilo. Satine sentou-se perto do filho, tomando o devido cuida-

do para não acordá-lo. Ele era o único da família que sentia sono e dormia... mesmo que dormisse muito pouco e cada vez menos. Satine passou os dedos pelos lisos fios de cabelo que caíam suaves nos olhos do garoto e afastou sua franja quase sem machucá-lo. Ele resmungou incomodado, mas não acordou.

O sono tranquilo do filho incomodava a Dama das Trevas. Sentiu imensa vontade de tirá-lo daquele estado doce e revoltante. Melhor não o fazer. O garoto tinha necessidade de dormir...

Durante o sono ele mal mudou de posição, às vezes respirava profundamente ou esboçava um leve sorriso, o que era raro. Ele voltara a sonhar... O que também era raro. Satine sentiu-se enojada. Precavida e cautelosa, todas as vezes que o filho se entregava ao sono, Satine certificava-se de sempre fazer com que ele jamais se lembrasse com total clareza dos raros sonhos que tinha. Quanto ao sono, todos na família do garoto fingiam que também dormiam.

A Dama das Trevas sempre se encarregava de ajeitar as coisas a seu prazer.





PRIMEIRA PARTE

ARADIOS

Capítulo um

Temporada de “caça”

Acordei ansioso na primeira manhã da primavera. Estava aberta a temporada de caça aos animais, um esporte que muitos annastrianos desaprovam. O sol brilhava majestoso. Joguei os cobertores de qualquer jeito e gritei para chamar o preguiçoso do serviçal que arrumava meu quarto todas as manhãs.

— Anda logo – disse para o serviçal, enquanto escolhia qual roupa iria vestir.

— Bom dia, milorde – disse ele.

Terminei de me vestir e bati a porta do quarto quando saí.

Minha família fazia parte da nobreza de Avalon, ilha aliada e anexada à Annástria. A nobreza era muito próxima aos Deuses e desfrutava de diversos benefícios, títulos e honrarias. Avalon, em sua época de glória, era o braço direito de Annástria. Minha família era composta de grandes feiticeiros, guerreiros e os melhores arqueiros. Modéstia a parte, eu desfrutava da posição de melhor arqueiro em dez gerações.

E como melhor arqueiro de Avalon, possuía meu próprio exército de arqueiros. Meus homens não eram meros indivíduos que atiravam aque-

las flechinhas de quinta categoria, como as feitas com material barato. Nossas flechas eram leves, feitas pelas mãos dos melhores bruxos na arte de desenvolvimento de flechas encantadas. Inicialmente recebi diversas críticas negativas devido a tê-las nomeado de encantadas, porém mostrei que estavam enganados.

Generosamente, eu lhes proporcionei uma pequena demonstração: em uma visita amistosa ao grande Umberto, o sujeito que iniciou a onda de críticas negativas, atirei-lhe a minha flecha menos letal. Ele morreu, é claro. Aquela flecha ao ser disparada, persegue seu alvo, mas somente em linha reta. Caso a vítima, ao fugir, faça alma curva, a flecha deixa de o seguir. Chamada de Disparo, essa flecha ao atingir o alvo libera uma substância altamente venenosa. Na ponta da flecha há um líquido amarelado esquisito protegido por uma membrana que se dissolve ao entrar em contato com o alvo, liberando o veneno.

Nunca soube exatamente o que era aquela coisa amarela nojenta, pois a equipe de bruxos que a criou jamais revelava seus métodos.

Em uma batalha a Disparo seria uma tragédia, pois exigiria que eu me aproximasse e ficasse a uma distância mínima de dez metros do meu inimigo.

A morte de Umberto abriu portas para um novo estilo de “caçada”. Em vez dos caçadores tirarem a vida de pobres animais indefesos, a nova moda era “caçar” os indivíduos que atuavam como iniciadores de críticas a respeito da nobreza ou de qualquer outra figura menos importante. Essa modalidade esportiva era secreta, é claro, e proibida. A moral vigente em Annástria não perdoaria nossa atitude. Pode-se dizer que os caçadores formavam uma espécie de clube. Tal arte era executada com extremo cuidado. Não podíamos matar qualquer um.

Boatos indicavam a possibilidade de espões em Annástria. Espões da Satine. E quanto aos Deuses? Interferir era raro. Afinal, nós tínhamos que lidar com nossas escolhas e estarmos atentos ao mundo a nossa volta. Saber... acredito que os Deuses sempre souberam, nós sabíamos dos riscos e insistimos, ignorávamos a moral e a sanidade.

Naquela manhã de primavera, eu e Jaspe partimos para caçar um dos mais odiados mestres especialistas na arte de fazer lâminas para espadas. Aparentemente ele caluniara um cliente importante. Foi um trabalho simples. Jaspe ajudou-me. Os detalhes não são interessantes.

— Esse trabalho já está ficando chato – reclamou Jaspe. Algumas pessoas diziam que o gênio dele era igual ao meu, rude, que era pessoa insana e inglória.

— Sei disso. O sujeito era detestado por muita gente por ser um ladrão. Alguns acham que sim, outros podem nos considerar loucos e assassinos.



Jaspe também era de família importante, famosa por criar e domesticar lagartos voadores para os Campos Jônicos ou para batalhas. Esses seres são muito esquisitos. A primeira vista é difícil dizer se eles são dragões deformados ou lagartos com asas. Vi um desses pela primeira vez quando eu era criança. Achava que esses bichos derivavam de um cruzamento entre uma lagartixa e um dragão pigmeu. Jamais consegui achar que eram animais bonitos. Jaspe os achava incríveis... Para quem tinha um lagarto tatuado no tornozelo aqueles bichos estranhos eram lindos! Prefiro aves de caça.

Orgulhava-me profundamente da ave tatuada em minha pele, uma bela ave diferente das demais e de um vermelho magnífico! Enchia a boca dizendo que minha ave era rara e única.

Jaspe e eu decidimos tomar vinho em uma taverna próxima à casa do sujeito Moraes. A taverna era pequena, feita de pedra. O dono gostava de coisa antiga. O interior era pitoresco, porém agradável. As mesas redondas de madeira acomodavam três pessoas. O estilo rústico não permitira que o dono usasse uma iluminação decente. Apenas as janelas redondas davam conta do recado. Não me admira que o lugar era pouco frequentado.

